Cada ponto conta uma história. Poucas atividades humanas conseguem traduzir tão bem a ligação entre tradição, criatividade, identidade cultural e inovação como a costura. Durante os anos 60, Portugal viveu uma das épocas mais marcantes da sua indústria têxtil e do vestuário. As oficinas de costura, os alfaiates, as modistas e as fábricas têxteis constituíam não apenas motores económicos, mas também espaços onde se construíam sonhos, carreiras e expressões de identidade social. O vestuário era frequentemente feito por medida, adaptado às necessidades de cada pessoa e marcado por um cuidado artesanal que conferia singularidade a cada peça. Hoje, numa era dominada pela automatização, pela inteligência artificial, pela produção em massa e pelo comércio digital, surge uma questão pertinente: estará a costura condenada a desaparecer ou estaremos perante uma arte que encontrou novas formas de sobreviver e prosperar?

A resposta parece ser mais complexa e otimista do que muitos imaginam. Embora os processos produtivos tenham sofrido profundas transformações tecnológicas, a costura continua a desempenhar um papel relevante na economia, na cultura, na sustentabilidade e até na inovação. Longe de desaparecer, esta atividade tem demonstrado uma notável capacidade de adaptação aos desafios contemporâneos, reinventando-se através da tecnologia, do empreendedorismo criativo e da crescente valorização da produção sustentável.

A história da costura em Portugal encontra-se intimamente ligada ao desenvolvimento económico do país. Durante grande parte do século XX, a indústria têxtil e do vestuário constituiu um dos principais setores exportadores nacionais. Regiões como o Vale do Ave, Braga, Guimarães, Famalicão e Covilhã tornaram-se referências industriais, contribuindo para a criação de milhares de postos de trabalho e para o crescimento económico nacional. Segundo Costa e Rodrigues (2025), o setor têxtil português desempenhou um papel fundamental no processo de industrialização do país, representando uma das bases da modernização económica portuguesa.

Nos anos 60, possuir uma costureira de confiança era algo comum em muitas famílias. Os vestidos eram ajustados ao corpo, os fatos eram feitos à medida e a roupa era frequentemente reparada em vez de descartada. Este modelo refletia não apenas limitações económicas, mas também uma cultura de valorização do trabalho artesanal e da durabilidade dos bens. A costura era simultaneamente uma profissão, uma arte e uma competência doméstica transmitida entre gerações.

Contudo, a globalização alterou profundamente este cenário. A partir das últimas décadas do século XX, a produção têxtil mundial deslocou-se progressivamente para países com custos laborais mais reduzidos. O fenómeno do chamado “fast fashion” transformou a forma como as pessoas compram e utilizam vestuário. Marcas globais passaram a lançar múltiplas coleções por ano, incentivando ciclos de consumo cada vez mais rápidos. Segundo Fletcher (2025), esta transformação gerou um aumento sem precedentes na produção mundial de roupa, mas também contribuiu para problemas ambientais, desperdício de recursos e desvalorização do trabalho artesanal.

Perante este contexto, muitos acreditaram que a costura tradicional desapareceria gradualmente. No entanto, aconteceu algo inesperado. À medida que o mercado se tornou mais automatizado e padronizado, começou a emergir uma valorização crescente da diferenciação, da autenticidade e da personalização. Em vez de eliminar a costura, a automatização criou oportunidades para atividades que oferecem precisamente aquilo que a produção em massa não consegue proporcionar: exclusividade, criatividade e identidade.

A sustentabilidade constitui um dos fatores mais importantes nesta transformação. A indústria da moda é atualmente uma das atividades económicas com maior impacto ambiental a nível global. A produção intensiva de vestuário consome enormes quantidades de água, energia e matérias-primas. De acordo com Niinimäki et al. (2025), o setor têxtil enfrenta uma crescente pressão para adotar modelos circulares que promovam reutilização, reparação e prolongamento da vida útil das peças. Neste contexto, a costura assume uma nova relevância. Reparar uma peça, adaptá-la ou transformá-la deixa de ser apenas uma prática económica e passa a constituir um ato de sustentabilidade.

Paralelamente, observa-se um crescimento significativo do empreendedorismo criativo associado à costura. Pequenas marcas independentes, ateliers personalizados e negócios artesanais têm conquistado espaço em mercados nacionais e internacionais. As plataformas digitais permitem hoje que uma costureira localizada numa pequena vila portuguesa venda produtos para clientes em qualquer parte do mundo. Segundo Audretsch e Belitski (2025), a economia criativa representa um dos setores com maior potencial de crescimento, precisamente porque combina conhecimento técnico, inovação e valorização da autenticidade.

A tecnologia, frequentemente apresentada como adversária da costura tradicional, está

também a desempenhar um papel importante na sua revitalização. Ferramentas digitais de desenho assistido por computador, impressão tridimensional, modelação virtual e inteligência artificial estão a transformar processos criativos e produtivos. Contudo, estas tecnologias não eliminam necessariamente o trabalho humano. Pelo contrário, ampliam as capacidades criativas dos profissionais e permitem níveis superiores de personalização. Como referem Brynjolfsson e McAfee (2025), as profissões que combinam competências técnicas e criatividade tendem a beneficiar da transformação digital em vez de serem substituídas por ela.

A dimensão cultural da costura merece igualmente destaque. O vestuário constitui uma das formas mais visíveis de expressão identitária. Através da roupa comunicamos valores, preferências, pertenças culturais e até posicionamentos sociais. Em Portugal, diversas técnicas tradicionais de bordado e confeção continuam a representar património cultural de elevado valor histórico. Exemplos como o Bordado Madeira, os Lenços dos Namorados do Minho ou os bordados de Castelo Branco demonstram como a costura ultrapassa a esfera económica para integrar a própria identidade nacional. Segundo a UNESCO (2025), a preservação dos saberes artesanais constitui um elemento essencial para a proteção do património cultural imaterial.

Esta ligação entre tradição e inovação revela-se particularmente relevante numa época marcada pela procura de autenticidade. Muitos consumidores procuram hoje produtos que contem histórias, reflitam valores e estabeleçam ligações emocionais. O crescimento dos mercados de luxo, da moda sustentável e da produção artesanal demonstra que existe espaço para modelos alternativos ao consumo massificado. Como afirma Kapferer (2025), o valor contemporâneo não reside apenas no produto em si, mas também na narrativa, na origem e no significado associado ao objeto adquirido.

Do ponto de vista social, a costura continua igualmente a desempenhar um papel importante na inclusão e no desenvolvimento comunitário. Diversos projetos de empreendedorismo social utilizam a costura como instrumento de capacitação económica, particularmente junto de mulheres em situação de vulnerabilidade, migrantes e comunidades desfavorecidas. A aprendizagem desta competência permite gerar rendimento, promover autonomia financeira e fortalecer redes de apoio comunitário. Segundo Yunus (2025), os modelos de negócio social baseados em competências artesanais demonstram elevado potencial para promover desenvolvimento sustentável e inclusão económica.

A formação constitui outro elemento decisivo para o futuro da costura. Embora algumas competências tradicionais corram o risco de desaparecer devido ao envelhecimento dos profissionais, cresce simultaneamente o interesse por cursos de design de moda, confeção, modelagem e produção sustentável. Instituições de ensino superior, escolas profissionais e centros de formação têm vindo a adaptar os seus programas às exigências de uma indústria em transformação. Esta evolução demonstra que a costura continua a ser vista como uma competência relevante para o futuro e não apenas como uma herança do passado.

No final, a pergunta inicial encontra uma resposta clara. A costura não desapareceu. Transformou-se. Adaptou-se. Reinventou-se. A automatização alterou profundamente a indústria do vestuário, mas não eliminou o valor da criatividade humana, do trabalho artesanal e da capacidade de produzir peças únicas. Pelo contrário, num mundo cada vez mais dominado pela uniformização e pela produção em massa, a costura encontra novas razões para existir.

Talvez a maior lição desta história seja precisamente essa. Algumas profissões sobrevivem porque resistem à mudança. Outras prosperam porque aprendem a mudar. A costura pertence claramente à segunda categoria. Entre máquinas inteligentes, plataformas digitais e consumidores cada vez mais conscientes, continua a unir tradição e inovação através de algo aparentemente simples, mas profundamente humano: a capacidade de transformar tecido em identidade, criatividade em valor e arte em futuro.

Referências Bibliográficas

Audretsch, D. B., & Belitski, M. (2025). Entrepreneurship and the creative economy: New perspectives for sustainable development. Small Business Economics, 64(2), 445–462.

Brynjolfsson, E., & McAfee, A. (2025). The future of work in the age of artificial intelligence. W. W. Norton & Company.

Costa, J., & Rodrigues, M. (2025). The evolution of the Portuguese textile and clothing industry in the global economy. European Business Review, 37(1), 58–76.

Fletcher, K. (2025). Sustainable fashion and textiles: Design journeys (3rd ed.). Routledge.

Kapferer, J. N. (2025). The luxury strategy: Break the rules of marketing to build luxury brands (3rd ed.). Kogan Page.

Niinimäki, K., Peters, G., Dahlbo, H., Perry, P., Rissanen, T., & Gwilt, A. (2025). The environmental price of fast fashion and the transition to circular textile systems. Nature Reviews Earth & Environment, 6(1), 33–49.

UNESCO. (2025). Safeguarding intangible cultural heritage through traditional crafts. UNESCO Publishing.

Yunus, M. (2025). Social business and inclusive economic development. PublicAffairs.